

Novos sinais da urgência climática

Relatório mostra que, desde 2021, o aquecimento do planeta atinge níveis "sem precedentes" e com possibilidades cada vez mais restritas de reversão

» PALOMA OLIVETO

Seis meses da principal conferência climática global, a COP, que, neste ano, será sediada pelos Emirados Árabes Unidos, um grupo de 50 cientistas referências na área alertam que o aquecimento induzido pelo homem foi, em média, de 1,14°C na última década. Segundo os pesquisadores, desde 2021, quando o Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas das Nações Unidas (IPCC) lançou seu relatório mais atualizado, "as emissões de gases de efeito estufa atingiram um recorde, causando uma taxa sem precedentes de aquecimento".

Eles lançam, hoje, os Indicadores das Mudanças Climáticas Globais 2022: Atualização anual de indicadores de grande escala do estado do sistema climático e da influência humana. O documento integra um projeto de publicação anual dos dados sobre o clima que não só informará as pessoas sobre os aspectos críticos do aquecimento, mas poderão subsidiar reuniões de tomada de decisões, como a COP.

Atualmente, o documento que fornece os dados científicos para as conferências do clima da ONU é o relatório do IPCC. Porém, ele é lançado a cada cinco anos e, com a rapidez das transformações induzidas por atividades humanas, os cientistas alertam que os dados precisam ser atualizados com maior frequência. "Um nível recorde de gases de efeito estufa está sendo emitido anualmente, equivalente a 54 bilhões de toneladas de dióxido de carbono", justificam os cientistas, em nota da Universidade de Leeds, na Inglaterra, que coordena o projeto. Ao mesmo tempo, o orçamento de carbono restante — o quanto de CO2 que pode ser emitido para ter mais de 50% de chance de manter o aquecimento global em 1,5°C — caiu pela metade em três anos.

Em dezembro, a COP28 fará um balanço do progresso global para manter o aquecimento em 1,5°C até 2050, como prevê o Acordo de Paris, formulado em 2015. Os avanços têm sido poucos, conforme documentos

AFP



Nova York insalubre

Uma névoa alaranjada causada pelos incêndios florestais do Canadá envolveu Nova York (NY) ontem, cobrindo seus famosos arranha-céus e levando os moradores a usar máscaras. Várias cidades da Costa Leste dos Estados Unidos emitiram alertas sobre a qualidade do ar. Dezenas de milhões de pessoas na região receberam avisos de poluição após a fumaça se deslocar para o sul, incluindo NY, onde os moradores foram aconselhados a evitar atividades ao ar livre. "Trata-se de um exemplo alarmante das maneiras pelas quais a crise climática está interferindo em nossas vidas", declarou a Casa Branca, em nota. O monitor de poluição IQAir.com informou que o índice de qualidade do ar da metrópole era de 158, considerado insalubre, na manhã de ontem. Segundo o site, a concentração de pequenas partículas conhecidas como PM2.5 era 14 vezes maior do que as diretrizes da Organização Mundial da Saúde.

Temor crescente

Cerca de 200 países, incluindo o Brasil, negociam em Bonn, na Alemanha, um plano para a realização de um ambicioso pacto global em Dubai, no fim do ano. As negociações climáticas da ONU ocorrem sob o temor crescente de que os anfitriões da COP28, os Emirados Árabes Unidos, estão atuando para proteger os produtores de combustíveis fósseis, maiores causadores da mudança climática. A conferência, de 5 a 15 de junho, acontece meses depois que os principais cientistas climáticos do mundo alertaram os governos que eles precisam acelerar radicalmente os cortes no uso de petróleo, gás e carvão até 2030 e aumentar os investimentos em energia renovável.

Priestley para Futuro Climático de Leeds. "Esta é a década crítica para a mudança climática. As taxas de aquecimento de longo prazo estão atualmente em alta, causada pelos níveis mais altos de emissões

de gases de efeito estufa. Mas há evidências de que a taxa de aumento das emissões diminuiu", pondera. "Precisamos ser ágeis diante das mudanças climáticas. Precisamos mudar políticas e abordagens à luz das

evidências mais recentes sobre o estado do sistema climático. O tempo não está mais do nosso lado." Devido à velocidade com que o sistema climático global está mudando, os cientistas argumentam que os formuladores de políticas, negociadores climáticos e grupos da sociedade civil precisam ter acesso a evidências científicas atualizadas e robustas nas quais basear as decisões. "Uma atualização anual dos principais indicadores da mudança global é fundamental para ajudar a comunidade internacional e os países a manterem a urgência de abordar a questão da crise climática no topo da agenda e para tomadas de decisão

baseadas em evidências", argumenta, em nota, a ministra do meio ambiente do Chile, Maísa Rojas Corradi, autora do IPCC e cientista envolvida no projeto.

Combustíveis fósseis

Os dados do alerta, publicado na revista *Earth Science System Data*, demonstram que o aquecimento induzido pelo homem, em grande parte causado pela queima de combustíveis fósseis, atingiu uma média de 1,14°C na década mais recente (2013 a 2022) acima dos níveis pré-industriais. Isso representa um aumento de 1,07°C entre 2010 e 2019. O ritmo de aquecimento ultrapassa 0,2°C por década. A análise também descobriu que as emissões de gases de efeito estufa alcançaram os mais altos níveis recentemente, com 54 gigatoneladas (ou bilhões de toneladas métricas) de dióxido de carbono sendo liberados na atmosfera em média, devido às atividades humanas.

Uma constatação significativa da análise é a taxa de declínio no que é conhecido como balanço de carbono restante, uma estimativa de quanto CO2 pode ser liberado na atmosfera para dar 50% de chance de manter o aumento da temperatura global dentro de 1,5°C. Em 2020, o IPCC calculou que o orçamento de carbono restante era de cerca de 500 gigatoneladas de gás. No início de 2023, o número era quase a metade disso (250 gigatoneladas).

A redução no orçamento de carbono restante estimado deve-se a uma combinação de emissões contínuas desde 2020 e estimativas atualizadas de aquecimento induzido pelo homem, diz o artigo. "Embora ainda não estejamos no aquecimento de 1,5°C, o orçamento de carbono provavelmente será esgotado em apenas alguns anos, pois temos um golpe triplo de aquecimento de emissões muito altas de CO2, aquecimento devido aos aumentos em outras emissões de gases de efeito estufa e aquecimento de reduções na poluição. Se não quisermos ver a meta de 1,5°C desaparecendo em nosso espelho retrovisor, o mundo deve trabalhar muito mais e urgentemente para reduzir as emissões."

Químicos eternos ligados a maior IMC em crianças

Os riscos de exposição a substâncias chamadas per e polifluoroalquil (Pfas) durante a gravidez foi associada a índices de massa corporal (IMCs) ligeiramente mais altos e a um risco aumentado de obesidade em crianças, de acordo com um novo estudo publicado na revista *Environmental Health Perspectives* e liderado por pesquisadores da Brown University, nos Estados Unidos. Esses compostos, chamados também de "produtos químicos eternos", estão presentes desde embalagens de fast food a espumas de combate a incêndio, maquiagens e brinquedos.

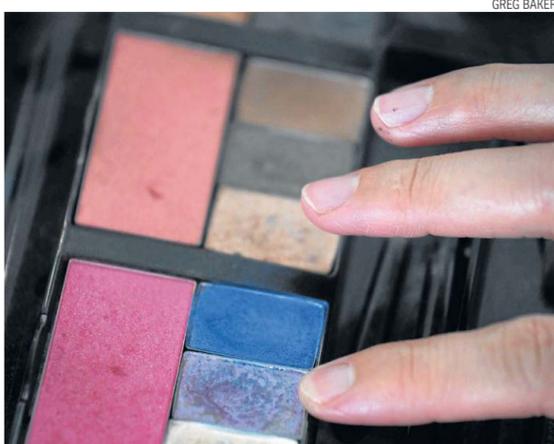
Embora a associação feita pelos pesquisadores da Brown tenha sido sugerida em pesquisas anteriores, os dados foram conclusivos. O novo estudo, por sua vez, envolve um conjunto de informações muito mais amplo, disse o principal autor, Yun Jamie Liu, pesquisador-associado de pós-doutorado em epidemiologia. "As descobertas foram baseadas em oito coortes de pesquisa localizadas em diferentes partes

dos Estados Unidos, bem como com diferentes dados demográficos", afirmou. "Isso torna os resultados do nosso estudo mais generalizáveis para a população como um todo."

O estudo usou dados coletados ao longo de duas décadas de 1.391 crianças com idade entre 2 e 5 anos e suas mães, de sete estados norte-americanos. Presentes em milhares de produtos, os Pfas tóxicos são incrivelmente duráveis e acredita-se que persistam no ambiente infinitamente — por isso são conhecidos como "produtos químicos eternos".

Risco prevalece

Os pesquisadores analisaram os níveis de sete diferentes Pfas em amostras de sangue coletadas de mulheres durante a gravidez. Eles, então, calcularam o IMC de cada criança, uma medida aproximada de gordura corporal. Descobriram que, quanto maior a taxa das substâncias na corrente sanguínea da gestante, mais elevado o IMC dos filhos. O aumento do risco de



GREG BAKER

obesidade foi igual, independentemente do sexo.

As associações foram observadas mesmo em baixos níveis de exposição aos Pfas, disse o autor sênior Joseph Braun, professor de epidemiologia e diretor do Centro de Saúde Ambiental Infantil da Brown's School of Public Health. Isso é importante

observar, disse Braun, uma vez que as exposições às substâncias mudaram ao longo do tempo, pois alguns fabricantes eliminaram voluntariamente seu uso em resposta a preocupações com os efeitos associados à saúde, bem como à persistência ambiental.

"O fato de vermos essas associações em níveis relativamente

Fenômeno é observado em grávidas expostas aos Pfas, compostos encontrados em maquiagens e brinquedos

baixos em uma população contemporânea sugere que, embora o uso de Pfas em produtos tenha diminuído, as grávidas de hoje ainda podem estar em risco", disse Braun. "Isso significa, de acordo com nossas descobertas, que seus filhos também podem estar em risco de efeitos nocivos à saúde associados às substâncias."

Nos últimos 10 anos, Braun esteve envolvido em vários estudos sobre os efeitos dos Pfas na saúde infantil. Esse tipo de dado, disse ele, pode ajudar a informar e a influenciar políticas ambientais e diretrizes de segurança. "Há um interesse contínuo em compreender os efeitos da exposição de baixo nível aos Pfas na saúde das crianças", destacou. "Estudos como esse podem ajudar pesquisadores e formuladores de políticas a entenderem melhor os riscos a fim de tomar ações eficazes para proteger as populações vulneráveis."



O fato de vermos essas associações em níveis relativamente baixos em uma população contemporânea sugere que, embora o uso de Pfas em produtos tenha diminuído, as grávidas de hoje ainda podem estar em risco"

Joseph Braun, diretor do Centro de Saúde Ambiental Infantil da Brown's School of Public Health